

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER**

CRISTIANO COSTA DOS SANTOS

**O ABANDONO DA PRODUÇÃO LEITEIRA NA LOCALIDADE DE
ESTÂNCIA GRANDE, EM VIAMÃO – RS: UMA REALIDADE?**

Santo Antônio da Patrulha

2013

CRISTIANO COSTA DOS SANTOS

**O ABANDONO DA PRODUÇÃO LEITEIRA NA LOCALIDADE DE
ESTÂNCIA GRANDE, EM VIAMÃO – RS: UMA REALIDADE?**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Eber Pires Marzulo
Coorientador: Tutora Lorena Cândido Fleury

Santo Antônio da Patrulha

2013

CRISTIANO COSTA DOS SANTOS

**O ABANDONO DA PRODUÇÃO LEITEIRA NA LOCALIDADE DE
ESTÂNCIA GRANDE, EM VIAMÃO – RS: UMA REALIDADE?**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito B

Prof. Dr. Eber Pires Marzulo
Orientador
UFRGS

Profa. Dra. Marlise Amália Reinehr Dal Forno
UFRGS

Prof. Dr. Fábio de Lima Beck
UFRGS

Santo Antônio da Patrulha, 12 de julho de 2013.

RESUMO

O presente trabalho busca saber se, realmente, há abandono da atividade leiteira na localidade de Estância Grande, em Viamão – RS. Para isto, inicialmente, foi realizado um levantamento dos produtores rurais da região e depois identificados aqueles que abandonaram a atividade leiteira. Entrevistaram-se 26% destes produtores através de um questionário semiestruturado, cujos dados foram analisados mediante análise de conteúdo. Os resultados confirmam as hipóteses de pesquisa, como a falta de mão de obra e de crédito, além do trabalho árduo. A discussão baseia-se centralmente nos conceitos de pluriatividade, tecnologia e agrobiodiversidade. Conclui-se que o abandono da atividade leiteira na localidade de Estância Grande é uma realidade, constatada a partir dos dados levantados e que a tecnologia como uma questão importante, tanto para os que permaneceram quanto aos que abandonaram a produção leiteira. Discute-se, também, a necessidade de estratégias e envolvimento mais efetivos por parte da EMATER – RS e Secretaria Municipal de Agricultura, órgãos mais próximos dos produtores rurais.

Palavras-chave: Produção leiteira. Pluriatividade. Tecnologia. Agrobiodiversidade.

ABSTRACT

This study aims to find out if, indeed, there is abandonment of dairy farming in the town of Estancia Grande in Viamão – RS. For this, we first conducted survey of farmers in the region and identified those who had left the dairy business. We interviewed 26% of these producers through semi-structured questionnaire, which were analyzed by content analysis. The results confirm the research hypotheses, such as lack of skilled manpower, lack of credit and hard work. The discussion is based on the concepts of centrality, pluriactivity, technology and agro-biodiversity. We conclude that the abandonment of dairy farming in the town of Estancia Grande is a reality, observed from the data collected and, taking technology as an important issue, both those who remained as to who abandoned milk production. It discusses also the need for more effective strategies and involvement by the EMATER – RS and the Municipal Agriculture organs closer to the farmers.

Key-words: Milk Production. Pluriactivity. Technology. Agro-Biodiversity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, atualmente	11
Figura 2: Mapa do Rio Grande do Sul	19
Figura 3: Mapa de Viamão	20
Figura 4: Localidade de Estância Grande	20
Figura 5: Mapa das localidades de Viamão.....	22
Figura 6: Produção de leite/Outras atividades agrícolas	23
Figura 7: Movimento cíclico da atividade rural.....	25
Figura 8: Implantação de políticas públicas/incentivos de produção agroecológica .	27

LISTA DE ABREVIATURAS

EMATER – Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural

FIDA – *International Fund for Agricultural Development*

INCRA-RS – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/Rio Grande do Sul

MDS – Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

RS – Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DE VIAMÃO – RS	10
3 A TECNOLOGIA NO MEIO RURAL	12
3.1 A PLURIATIVIDADE E A AGROECOLOGIA COMO ALTERNATIVAS	13
3.2 OS PRODUTORES RURAIS LOCAIS E AS SUAS RELAÇÕES COM A ATIVIDADE LEITEIRA	17
4 METODOLOGIA E DADOS COLETADOS.....	19
4.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS	21
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	23
6 CONCLUSÃO.....	29
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista com Produtores Rurais	33

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo entender os motivos que levam ou que levaram produtores rurais da localidade de Estância Grande, em Viamão – RS a abandonarem a produção leiteira. A escolha do tema foi uma construção destes três últimos anos, considerando a atividade que o pesquisador desenvolve como produtor rural da referida localidade, bem como o estudo da literatura sobre desenvolvimento rural.

O município de Viamão produz dois principais cultivos: o arroz e o leite. Nas partes altas da cidade, há a predominância de bovinocultura leiteira e de corte e, nas várzeas, o cultivo do arroz. De acordo com o censo agropecuário de 2006 do IBGE, Viamão soma 2.562 propriedades rurais, destas 83%, com pastagens naturais, 45%, com matas e florestas e 42% produzem leite. A produção anual de leite, no município, é de 10.200.000 litros, segundo o Censo de 2006, sendo a produção diária de 279.452 litros, porém hoje, conforme o técnico da EMATER de Viamão, Silvino Ramos, a produção diária do município está em aproximadamente 32.000 litros de leite. Percebe-se, portanto, uma quebra considerável nesses últimos sete anos. Mesmo assim, Viamão possui a bacia leiteira mais importante da região, com produção de leite do tipo B e C. Esta especificidade do município desencadeou uma crise, no período da Revolução Verde¹, pois alguns produtores não conseguiram implantar os pacotes tecnológicos, seja por falta de informação, seja por falta de infraestrutura, levando alguns ao abandono da atividade. Este abandono da atividade leiteira na localidade de Estância Grande pode justificar a mudança de atividade e a extinção de rebanhos, a diminuição da produção, os baixos índices de desenvolvimento e o aumento da pobreza urbana.

A localidade de Estância Grande, em Viamão (RS), teve grande expressividade na produção leiteira nas décadas passadas e, como já fora mencionado, esta produção diminuiu. Para tanto, foi formulada a seguinte questão central: Por que as pessoas abandonam a atividade leiteira na localidade de Estância Grande, em

¹ Período, que se intensificou na década de 70, em que o Estado subsidiou créditos agrícolas para estimular a produção, através de insumos, sementes e máquinas agrícolas, com vistas a aumentar a produção e exportações agroindustriais (MIELITZ; MELO, 2010).

Viamão - RS? Foram desenvolvidas hipóteses, como: a falta de mão de obra; a falta de crédito; a atividade contínua e sistemática; o baixo rendimento; o não domínio da cadeia produtiva; e a proximidade da capital. A partir disto, a pesquisa de campo junto a estes produtores foi uma necessidade, a qual foi realizada por meio de uma pesquisa qualitativa, com questionário semiestruturado que pudesse ser flexível a cada resposta dos produtores, sendo cada uma delas examinada a partir da análise de conteúdo. A busca de tais produtores partiu de fontes de conhecimento próprio e dados da Secretaria Municipal de Agricultura, além dos próprios produtores que apontaram vizinhos e conhecidos, abrangendo toda a localidade.

Para entender este movimento, o trabalho desenvolve os conceitos de pluriatividade, acreditando em novas possibilidades para o aumento da renda familiar, tendo como uma das fontes de pesquisa Schneider (2003). É também central o conceito de tecnologia, porque se acredita que a sua adoção depende de vários aspectos que serão abordados, utilizando-se fontes, como: Mielitz e Melo (2010), Hayami e Huttan (1988). Para se discutir os resultados, também é abordado o conceito de agrobiodiversidade, considerando a necessidade de uma mudança nas técnicas de produção, nos hábitos alimentares, nas políticas, pois só com esta mudança é que se pode caminhar à Segurança Alimentar e Nutricional e ao desenvolvimento rural sustentável.

A proposta de um levantamento dos proprietários rurais que já produziram leite na localidade de Estância Grande, seguida de uma análise de conteúdo dos dados coletados, tem por objetivo entender os motivos que levaram a este abandono, buscando-se compreender também as mudanças que vêm ocorrendo nas perspectivas e possibilidades que se criam a partir de novas atividades rurais ou, ainda, no abandono da atividade leiteira e rural da localidade estudada.

2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DE VIAMÃO – RS

Há muitas versões para justificar a origem do nome de Viamão. Alguns sugerem que seria o formato dos cinco afluentes do Rio Guaíba que formaria uma mão, então, a expressão: Vi a mão. Há quem aposte em via-montes, pois a cidade fica entre montes e, também, a possibilidade de origem de uma província de Portugal, Viamara, já que Viamão foi colonizado por portugueses.

Viamão já foi sede do governo e palco de batalhas dos farroupilhas. Ainda hoje são conservadas trincheiras em um dos pontos mais altos da cidade, da época da Guerra dos Farrapos, que ocorreu de 1835 a 1845.

A história conta que, em 1741, Francisco Carvalho da Cunha² estabeleceu-se no sítio chamado Estância Grande e ergueu a capela Nossa Senhora da Conceição. Entretanto, nesta época, grande parte do território de Viamão se chamava Estância Grande, e foi, a partir daí, formado o povoamento desta localidade.

Viamão atraía colonizadores, por ser uma passagem do Rio do Prata à Laguna, dos grandes rebanhos de gado e cavalo, os quais eram comercializados. Foi em Viamão, também, na localidade de Itapuã, que chegaram os primeiros casais açorianos, a partir de 1752. Nesta época, Viamão abrangia o litoral norte e a Depressão do Jacuí, até a confluência com o Rio Taquari (VIAMÃO, 1990).

Saint-Hilaire, em suas viagens, passou por Viamão em 1820 e descreveu-a como uma povoação encravada em uma coxilha, com duas praças e uma Igreja (Figura 1), esta que lhe chamou a atenção, pela sua imponência e arquitetura (VIAMÃO, 1990).

² Estancieiro, natural de Minas Gerais. Proprietário de sesmarias na região de São José dos Pinhais (Paraná), nos Campos de Vacaria e nos Campos de Viamão. Sua família mantinha comércio tropeiros em Sorocaba (São Paulo) (VIAMÃO, 2013).

Figura 1: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, atualmente



Fonte: Viamão, (2013).

3 A TECNOLOGIA NO MEIO RURAL

Durante anos, era muito comum ouvir as pessoas, de alguma forma, marginalizarem o meio rural, apontando os agricultores como pessoas alienadas em um “mundo” longe demais da realidade urbana, e entendendo realidade urbana como a detentora do saber e da tecnologia produzida. Há uma música de Teixeira, “O Colono”, que expressa este sentimento na estrofe a seguir: “[...] não ri seu moço daquele colono, agricultor que ali vai passando [...]” (TEIXEIRINHA, 1969).

A tecnologia³, desenvolvida para o meio rural, após a redemocratização, passou pela modernização da agricultura, que transformou as relações de trabalho dos trabalhadores rurais, bem como ligou a agricultura a outros setores da economia, como a indústria. Além das questões econômicas e sociais que a adoção da tecnologia traz, há questões nas “entrelinhas” que podem ser mais determinantes, fator que foi considerado nas entrevistas realizadas com os produtores de Estância Grande que é a vontade de adotar e a disposição em adotá-las. Como postula Mielitz e Melo:

Outras dimensões de caráter intrínseco ao processo produtivo associam-se à análise do progresso tecnológico na agricultura. A adoção ou não de tecnologias por agricultores, as formas como recebem e adaptam tais tecnologias, as racionalidades usadas para adotarem-nas, o acesso a crédito e treinamento para tal, são por vezes preocupações dos estudos direcionados ao fenômeno (MIELITZ; MELO, 2010, p. 2).

Ou seja, esta vontade em se modernizar e adotar uma determinada tecnologia não está relacionada somente às exigências do mercado, mas, ao acesso à informação em que a tecnologia está associada.

Por outro lado, há a outra questão a ser levada em consideração: o fato de os produtores que abandonaram a atividade de leite na Estância Grande serem mais velhos e se considerem sem condições de adotar tecnologia. Tal aspecto é observado, por exemplo, na fala do Sr. M. P.: “*Se eu fosse jovem, eu teria*

³ Tecnologia, segundo J. G. da Silva (1990, p. 16), é a aplicação de conhecimentos disponíveis a uma determinada atividade produtiva. Para este autor, aumentar a capacidade produtiva das pessoas é introduzir novas tecnologias. A tecnologia pode ser através de mecanização, como biológica e química.

financiamento” (Trecho de entrevista, Estância Grande, abr. 2013), expressando o sentimento de que, por ser mais velho, não consegue financiamentos, tampouco implantar novas técnicas.

Segundo Mielitz e Melo (2010), há, pelo menos, duas dimensões preocupantes no Progresso Técnico na Agricultura, uma está relacionada ao que este progresso reflete no meio ambiente e outra, ao que se reflete socioeconomicamente. Esses aspectos podem ser observados nas falas daqueles produtores que abandonaram a produção de leite na localidade em estudo. Verifica-se que a dimensão socioeconômica teve um efeito nas decisões destes produtores, isto porque a opção em não adotar tecnologia também estava associada ao custo benefício e à escolha da tecnologia, pois alguns dos entrevistados citaram a falta de incentivo por parte dos órgãos de assistência técnica, por exemplo. Nesse sentido, Sr. C. F. R. expressa que: *“Nunca ninguém veio aqui dizer o que é melhor agente fazer. Agente vê essa modernidade pros outros, do que pra gente”* (Trecho entrevista, Estância Grande, abr. 2013). Neste sentido, estas situações vão ao encontro do que postulam Mielitz e Melo:

A modernização da agricultura no Brasil ocorre em concomitância com o surgimento dos complexos agroindustriais. E, como nunca houve uma perspectiva de desenvolvimento rural integrado, grandes parcelas de agricultores brasileiros sofreram apenas os efeitos negativos dessa modernização, sendo deixados à margem do processo e tendo que enfrentar, além disso, as consequências trazidas pelo aumento de produção e de concorrência nos mercados agrícolas (MIELITZ; MELO, 2010, p. 34).

Estes reflexos, causados pelo Progresso Técnico na Agricultura, foram notados nos ex-produtores de leite da Estância Grande e nas atividades que exercem atualmente. A forma como manejam os seus cultivos e as escolhas de novas atividades que possam garantir o sustento se calcam no caminho que resolveram seguir.

3.1 A PLURIATIVIDADE E A AGROECOLOGIA COMO ALTERNATIVAS

Todos os produtores entrevistados que abandonaram a atividade leiteira na localidade de Estância Grande partiram para outra atividade agrícola ou ligada ao

meio rural, como alternativa de renda e forma de não negar o meio rural, já que todos expressaram a questão da identidade com a localidade que é, eminentemente, rural. Em relação a isto, E. S. de B. diz: *“Aqui é muito bom de morar, não tem vila, não tem bandido e é perto da cidade. E a terra aqui é muito boa”* (Trecho de entrevista, Estância Grande, abr. 2013).

Esta identificação com o meio, que foi observada nas falas dos agricultores entrevistados, refletiu o rumo de atividades escolhidas e a ânsia de permanecer no local. A pluriatividade⁴, desenvolvida pela maioria dos entrevistados, é o reflexo da necessidade que os próprios entrevistados expuseram ter: as circunstâncias vividas com o abandono da atividade leiteira e a necessidade de subsistência. Esta situação é claramente definida por Schneider:

A pluriatividade não é um fenômeno marginal ou transitório confinado à determinadas situações particulares como também não representa um processo com tendência à generalização para todos os grotões rurais. A pluriatividade aparece em contextos e situações onde a integração dos agricultores à divisão social do trabalho passa a ocorrer não mais exclusivamente através de sua inserção nos circuitos mercantis via processos de produção agropecuários ou mesmo pelas relações de trabalho (assalariamento) em atividades exclusivamente agrícolas. A pluriatividade tende a se desenvolver como uma característica ou uma estratégia de reprodução das famílias de agricultores que residem em áreas rurais situadas em contextos onde sua articulação com o mercado se dá através de atividades não-agrícolas ou para-agrícolas (SCHNEIDER, 2003, p. 4).

Isto também explica o fato de 12% dos produtores de leite da região não terem abandonado a atividade, mas a diversificarem, com a associação de outras atividades, compatíveis com os anseios familiares, bem como o contexto social e local.

Para aqueles que abandonaram a atividade leiteira, a há opção de manterem atividades agrícolas, com uma proposta voltada à agroecologia, concomitante às atividades não agrícolas. Em outras palavras, a pluriatividade e a atividade agrícola sustentável são meios que os agricultores encontraram para poder permanecer, mesmo que parcialmente, no meio rural. É o caso da adoção da

⁴ Pluriatividade é um termo que surgiu em meados dos anos 80, juntamente com um novo olhar ao rural. A pluriatividade é o conceito usado para identificar a combinação de atividades e rendas agrícolas e não-agrícolas. A pluriatividade está relacionada, geralmente, à Agricultura Familiar e às alternativas de cultivos voltados a uma produção ecológica e sustentável, no sentido ambiental. (ANJOS, 2003).

agrobiodiversidade⁵, observada na fala de agricultores que já sentiram os impactos da produção menos ecológica e entendem a agroecologia como uma fonte mais rentável. Situação constatada na fala do produtor S. S. da S.: *“Como tá crescendo aqui na volta os sítios, o pessoal vem no final de semana e, quando vão embora, passam aqui e levam um ovinho, um aipinziinho, um leitinho. A gente produz sem veneno”* (Trecho de entrevista, Estância Grande, abr. 2013).

Nesta perspectiva, a agrobiodiversidade é um conceito que demonstra a necessidade de uma mudança nas técnicas de produção, nos hábitos alimentares e nas políticas. Assim, de acordo com Dal Soglio, agrobiodiversidade, é:

[...] o resultado da interação da diversidade de espécies em um agroecossistema com a diversidade genética dessas espécies, ou da diversidade de técnicas e métodos de manejo de agroecossistemas com a diversidade cultural das populações que vivem nesses sistemas (DAL SOGLIO, 2009, p. 22).

Mudança que, de alguma forma, aconteceu e vem acontecendo na localidade de Estância Grande. Os ajustes, que ocorrem no atual momento histórico, a partir dos quais se busca reverter os problemas causados pela produção em alta escala, a utilização de agrotóxicos, a produtividade, sem análise das consequências à saúde animal e à humana, são feitos, quando os agricultores repensam os valores culturais e locais e, com isso, valorizam a atividade, incrementando-a e deixando-a mais atraente ao jovem, como forma de permanência no meio rural.

Pode-se perceber, então, que todos que abandonaram a atividade leiteira em Estância Grande são proprietários de áreas de médio porte, com uma média de 100 há. No entanto, a maioria dos produtores fica fora dos critérios da Agricultura Familiar e não consegue “acompanhar o agronegócio”. Ou seja, eles ficaram e ficam ainda no “meio do caminho” e à margem do caminho do desenvolvimento e crescimento econômico no que diz respeito ao acesso a políticas públicas de financiamento e à assistência técnica. Nesse sentido, “fugir”, isto é, abandonar a atividade ou se adaptar às novas tendências tem sido a alternativa para estes

⁵ Agrobiodiversidade é um termo amplo, e, neste trabalho, utiliza-se o conceito referido pela EMBRAPA, que é a parte agrícola da biodiversidade, sendo o resultado de milhares de anos de relacionamento entre o ser humano e a natureza. Em outras palavras, é a domesticação de plantas e da agricultura usadas na alimentação.

produtores. Por isso, percebe-se que os produtores rurais estão buscando a valorização do espaço, considerando as dimensões sociais, econômicas, ambientais, culturais, produtivas, demográficas, fundiárias, nível tecnológico e organização dos recursos produtivos, entre outros, de forma a se enquadrarem nessa nova proposta da agrobiodiversidade.

Nota-se ainda que, nas entrevistas, a informação sobre esta proposta chegou no momento em que não conseguiram mais sustentar uma atividade que, até então, era considerada forte no município e na região estudada, como já foi levantado anteriormente. Contudo, embora esta situação não seja verbalmente descrita pelos entrevistados, há a constatação de que a produção agrícola é importante à alimentação da população e nenhum dos entrevistados acredita que a agricultura familiar possa alimentá-la, mas, sim, que a produção em alta escala é que faz este serviço. Esta ideia é percebida na fala de N. S.: *“Antes era mais fácil de produzir porque tinha mais terra, era mais grande. Depois da partilha, ficou menor”* (Trecho de entrevista, Estância Grande, abr. 2013).

Esta contradição da fala dos entrevistados, que se dá pelo entendimento de cada um, é o que se acredita ser a saída para alcançar a soberania alimentar e nutricional, apresentando, assim, um benefício, isto é, fazer com que estes, classificados como médios produtores, busquem alternativas ecológicas, como fonte de renda. Nesta perspectiva, postula Conti que:

[...] Essa padronização dos alimentos quebra um princípio fundamental de que os alimentos devem ser produzidos de acordo com a natureza e com o modo de vida das pessoas, uma vez que fazem parte da cultura e dos hábitos de cada povo. O Brasil ainda detém entre 15 a 20% da biodiversidade mundial que é fundamental para garantir esses modos de vida. Com o agravamento da crise alimentar se intensifica uma tensão entre a defesa do uso dos alimentos para garantir o DHAA e, por outro lado, a defesa de seu simples uso para a produção de agrocombustíveis e como mercadoria/commodities nas bolsas de valores. Outra preocupação intensa é que em diversos países, mas também em inúmeras regiões e municípios brasileiros o povo depende de alimentos produzidos em outras regiões e estados, o que onera os preços devido ao transporte, aumenta o desperdício e baixa a qualidade dos alimentos, especialmente por não serem culturalmente adequados (CONTI, 2009, p. 28).

Assim, percebe-se um movimento cíclico, ou seja, mesmo estes agricultores que abandonaram a atividade leiteira, eles operem as suas novas atividades dentro

das propriedades, com manejos mais adequados à diversidade local, retomando práticas anteriores.

3.2 OS PRODUTORES RURAIS LOCAIS E AS SUAS RELAÇÕES COM A ATIVIDADE LEITEIRA

A localidade de Estância Grande já foi o bairro que mais concentrou propriedades com atividade leiteira em Viamão. Dos produtores que abandonaram esta atividade, todos foram unânimes em afirmar que começaram as suas atividades por herança familiar. Há alguns que adquiriram e programaram a atividade, em razão da produção local. Um dos produtores entrevistados, Sr. S. S. S., quando questionado sobre a atividade de leite, afirmou: *“Tirava leite, porque tinha que tirá e assim eu fui vivendo”* (Trecho entrevista, Estância Grande, abr. 2013). Nesta fala, é demonstrada a identidade da localidade em relação à produção leiteira. Também se pode perceber, na fala de N. S., esta herança familiar: *“Tirava leite com meu pai, depois ele morreu e tirei sozinha”* (Trecho entrevista, Estância Grande, abr. 2013).

Assinala-se ainda que, na localidade de Estância Grande, encontram-se ainda produtores de leite que continuam investindo na atividade e, de alguma forma, conseguiram manter parcerias e implantar tecnologia que possam acompanhar as necessidades do mercado, em quantidade e qualidade de leite. Mesmo havendo os que abandonaram a atividade, há os que continuam tirando leite para subsistência. Até os que exercem outras atividades agrícolas, como de lazer ecológico, por exemplo, mantêm vacas leiteiras como atrativo aos visitantes.

Assim, percebe-se que há uma herança que é histórica na localidade, quanto à atividade leiteira.

O que ficou claro é que não há jovens nas propriedades, como indica a fala de E. S. B., ex-produtora de leite: *“Meu filho tá bem agora. Comprou um caminhão e tá prestando serviço pro antigo patrão dele”* (Trecho entrevista, Estância Grande, abr. 2013). Aqueles que estão sozinhos nas propriedades têm seus filhos em empregos na zona urbana, sem vínculo com a atividade rural. Esta situação mostra que os mais velhos têm maior identificação com o meio. Já os mais jovens buscam atividades menos desgastantes e veem a propriedade rural como lugar de lazer.

Estes novos caminhos trilhados por este novo olhar em relação ao meio rural é discutido por Schneider:

Talvez o exemplo emblemático dessa mudança estrutural seja a emergência e a expansão das unidades familiares pluriativas, pois não raramente uma parte dos membros das famílias residentes no meio rural passa a se dedicar a atividades não-agrícolas, praticadas dentro ou fora das propriedades. Essa forma de organização do trabalho familiar vem sendo denominada pluriatividade e refere-se a situações sociais em que os indivíduos que compõem uma família com domicílio rural passam a se dedicar ao exercício de um conjunto variado de atividades econômicas e produtivas, não necessariamente ligadas à agricultura ou ao cultivo da terra. (SCHNEIDER, 2003, p. 100).

Aqueles que abandonaram o fizeram por diversos fatores, mas o que mais se destacou foi a desmotivação dos jovens no que tange às atividades rurais. Ficou claro que os que as abandonaram assim o fizeram por falta de informação e de jovens que as assumissem, pois não há, nas propriedades visitadas, jovens que trabalhem exclusivamente ou parcialmente nas atividades agrícolas. Todos os que trabalham nas propriedades estão aposentados, e o mais novo tem 62 anos de idade. Receberam também a propriedade e a atividade rural como herança de seus pais, e nenhum deles exerceu outra atividade senão a agrícola. Diferentemente dos que não abandonaram, estes herdaram de seus pais e fazem parte de uma outra faixa etária. Assim, o fator cultural mais os estímulos de novas tecnologias são responsáveis pela relação que se estabeleceu entre os que permaneceram e os que abandonaram a atividade leiteira na localidade.

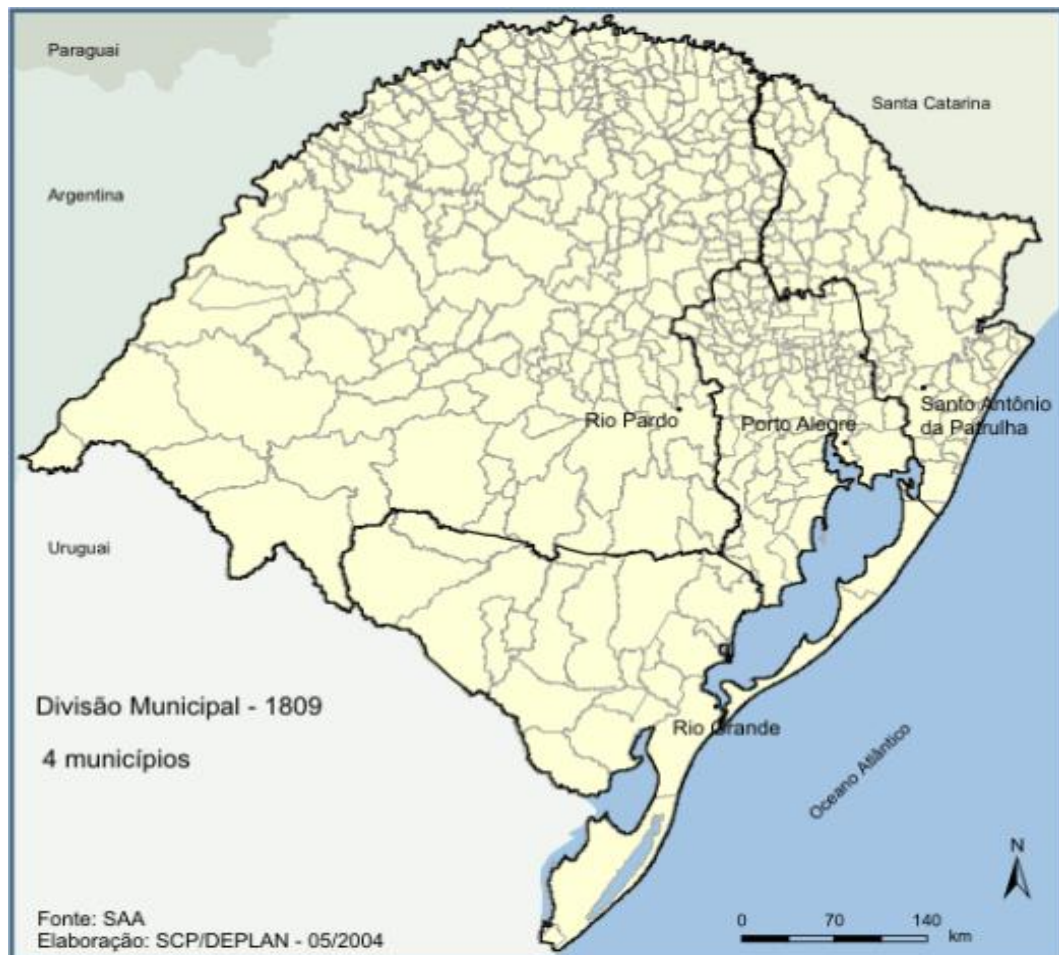
Quanto às hipóteses levantadas sobre o abandono da produção de leite, obteve-se o seguinte resultado: o baixo rendimento da atividade e não haver preço mínimo para o litro de leite produzido. Estes aspectos foram apontados de forma unânime entre os entrevistados. Já a falta de mão-de-obra e a atividade exaustiva ficaram em segundo lugar, com 80%, e a falta de crédito e o abandono dos descendentes, em terceiro lugar, com 60% das respostas dos entrevistados.

4 METODOLOGIA E DADOS COLETADOS

A Estância Grande é um bairro rural do município de Viamão que fica a 6 km do centro da cidade. Situada na parte noroeste do município de Viamão, uma parte desta área pertence ao Assentamento Filhos de Sepé, porém ela não está sendo considerada neste trabalho, na medida em que não segue as mesmas regras e lógica histórica da localidade, visto ser controlada pelo INCRA – RS e as suas atividades serem novas.

Abaixo, a Figura 2, mapa do Rio Grande do Sul e, em seguida, a Figura 3, mostram o mapa do Município de Viamão e os seus municípios limítrofes. Na Figura 4, expõe-se a área ampliada da localidade de Estância Grande em Viamão.

Figura 2: Mapa do Rio Grande do Sul



Fonte: Viamão, (2013).

Figura 3: Mapa de Viamão



Fonte: Viamão, (2013).

Figura 4: Localidade de Estância Grande



Fonte: Google Mapa (2013).

A coleta de dados e a busca por pessoas que pudessem ajudar a levantar o número de produtores rurais da localidade de Estância Grande iniciaram-se na EMATER e na Secretaria Municipal da Agricultura. Após serem identificados aqueles que haviam abandonado a atividade leiteira, fez-se uma contagem de quantas propriedades e quais os seus cultivos.

Para a realização da pesquisa, foram entrevistados cinco ex-produtores de leite, do total dos dezenove, ou seja, 26% dos que abandonaram a produção leiteira na localidade. A escolha dos entrevistados se deu de forma aleatória, e aqueles que atenderam ao pedido e à visita participaram da pesquisa. Os demais não foram encontrados ou estavam sem tempo para a pesquisa. As entrevistas são semiestruturadas, eis que, de acordo com Gerhardt e Silveira:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramento do tema principal (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

Este tipo de entrevista permite que as respostas sejam abertas, ou seja, não as limita, permitindo discorrer sobre questões que possam surgir durante a entrevista. Considerou-se também a análise de conteúdo, para atender aos objetivos do estudo, isto é, entender o porquê do abandono da atividade, a partir do conteúdo abordado pelos entrevistados. Todos entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido, autorizando a utilização e a publicação de suas falas, que se encontram arquivados na Secretaria da Universidade.

Para a coleta de dados, foram utilizados dois meses, março e abril de 2013, atendendo a disponibilidade dos produtores envolvidos.

Dando seguimento à pesquisa, são apresentados os aspectos geográficos do município.

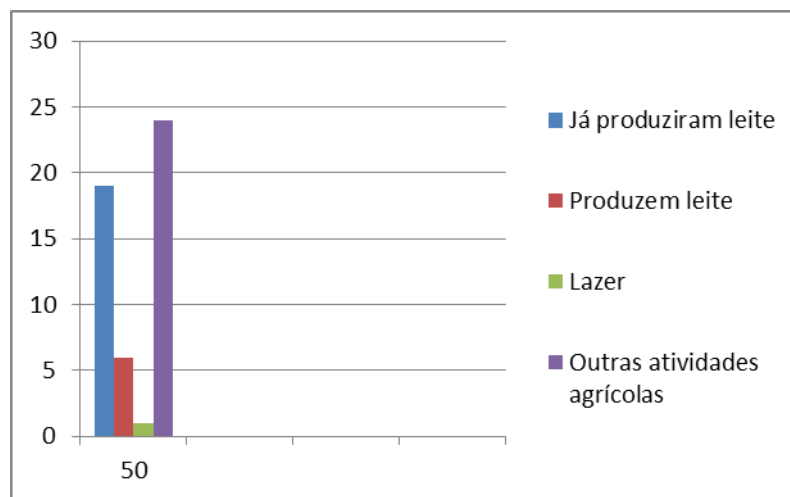
4.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Os nomes das localidades e bairros de Viamão indicam as suas características geográficas (Figura 5). As elevações baixas recebem o nome de Lombas, como a Lomba do Sabão, Lomba do Tarumã e Lombas. Ao norte e ao sul

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com o que a Secretaria Municipal de Agricultura e a EMATER, Viamão tem 50 produtores rurais na localidade de Estância Grande, excetuando-se o assentamento Filhos de Sepé. Estes dados foram confirmados em saídas de campo, junto aos produtores entrevistados. Destes, 38% já produziram leite e 12% continuam produzindo somente leite. Os outros 50% desenvolvem outras atividades agrícolas, sendo que um desenvolve lazer ecológico. Estes dados podem ser observados na Figura 6.

Figura 6: Produção de leite/Outras atividades agrícolas



Fonte: Elaborado pelo autor, (2013).

Em síntese, foram entrevistados 26% dos que abandonaram a produção leiteira na localidade, e dentre eles, apenas um não vive da atividade agrícola, somente mora na localidade, e sua renda é de aposentadoria e comércio de roupas. Os demais associam a atividade agrícola à não agrícola, e todos cultivam para a subsistência e são aposentados.

Também foi possível perceber que a falta de tecnologia que abateu os produtores que abandonaram a atividade leiteira na Estância Grande se deu não só pela aceitação, mas também, pelo medo do desconhecido. Situação que pode ser constatada, quando dizem que não há assistência técnica aos agricultores para o uso de novas tecnologias. Neste raciocínio, a maioria dos entrevistados justifica que,

se não tem equipamentos, máquinas que possam aumentar a produtividade e a qualidade do produto, não conseguem sustentar a atividade. Constata-se que, em todas as falas dos entrevistados, os quais abandonaram a atividade, surgiu a questão do trabalho árduo, pesado e sem interrupções de períodos, como acontece em cultivos agrícolas, pois as ordenhas são feitas duas vezes ao dia, “religiosamente”. Todos têm convicção da necessidade de produzirem um produto de qualidade e ressaltaram a perecibilidade do leite como um problema em manter esta qualidade. Esta é uma questão referendada por Mielitz e Melo (2010), isto é, o desenvolvimento de uma região é determinado pela qualidade dos produtos finais, gerados a partir da racionalidade no uso da força do trabalho, e isto depende do nível de tecnologia adotada.

Esta dificuldade em se manter na atividade foi claramente percebida entre os entrevistados que abandonaram a atividade de produção de leite.

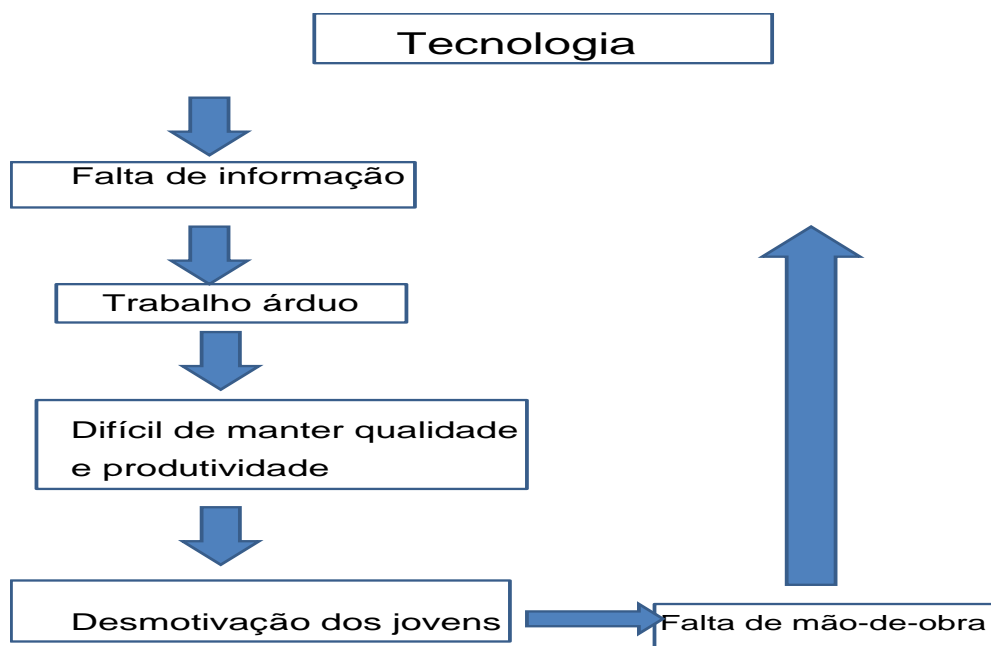
A necessidade de reduzir o tempo de trabalho e a intenção em torná-lo mais “leve” obrigam a adoção de tecnologia, e aqueles que optaram por não seguir este caminho sofrem com a falta de mão de obra e de sucessores à atividade. Não há como não perceber que quem optou por não adotar tais tecnologias também se deparou com a total falta de recursos, aliada à desinformação. Cabe lembrar aqui que esta adoção ou não de tecnologia não está associada somente ao querer dos produtores, entretanto há uma questão histórica que reflete este “desinteresse”, que foi o período de modernização, em que o aumento da produtividade e a produção em alta escala eram o caminho do crescimento. No entanto, a modernização aconteceu sem alteração estrutural da propriedade rural, como postulam Mielitz e Melo (2010). Houve disparidade na concentração de renda, além do aumento do êxodo rural e da exploração da força de trabalho na agricultura, agravando as relações de trabalho exploratórias.

Hoje, existe uma disparidade entre o rural e o urbano que obriga os produtores a investirem em tecnologia, pois o trabalho no campo, principalmente a produção leiteira, é árduo e ininterrupto, exigindo mais de 10 horas de trabalho diário, sem folgas. O campo, para os jovens, como foi observado na pesquisa, ficou desinteressante diante das revoluções e dos avanços tecnológicos e, como foram poucos que conseguiram implementar tecnologia e renová-la, conseqüentemente,

quem não conseguiu ficou à margem do desenvolvimento, o que ocasionou o êxodo. A necessidade em se ter maquinário, sistemas de rodízio de pastagens e ordenha mecanizada vai além de desejos pessoais do agricultor, porque a falta destas tecnologias tem reflexos também na dificuldade de se encontrar mão de obra e na necessidade em reduzir o tempo de trabalho diário.

O que pode ser observado é um movimento cíclico, conforme esquema abaixo (Figura 7).

Figura 7: Movimento cíclico da atividade rural



Fonte: Elaborado pelo autor, (2013).

Todos os entrevistados mais velhos que sobrevivem e sobreviveram da produção rural, mesmo aqueles que já direcionaram as suas atividades, deixando de ordenhar duas vezes ao dia os animais em produção, sentem que o campo não só significa trabalho pesado, mas também, preconceito. A falta de altivez de quem deveria ter porque produz e contribui para o desenvolvimento de uma região e para alimentar a população se repete na estrofe da música de Teixeira, “O Colono” lançada em 1969:

Ele é digno do nosso respeito de sol a sol vive trabalhando Não toque flauta não chame de grosso pra te alimentar na roça está lutando Se o terno dele não está na moda não é motivo pra dar gargalhada Este colono que ali vai passando é um brasileiro da mão calejada.

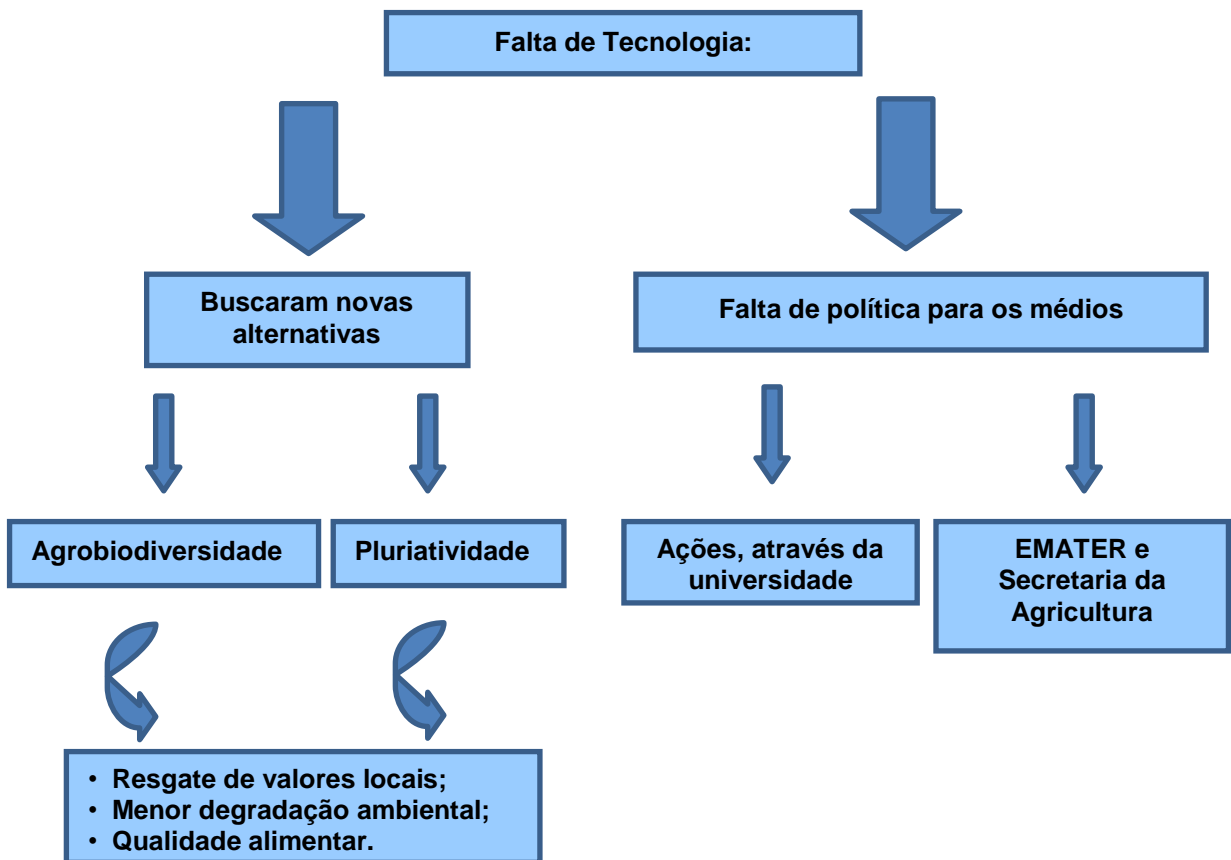
Além de todas as dificuldades, pode-se dizer que tanto o leite quanto o arroz (dois principais cultivos do município) são normalmente produzidos em maior escala, quando não são associados a outros cultivos. Dificilmente são encontrados pequenos produtores destes cultivos, normalmente, os existentes são de grandes propriedades e contemplam um só cultivo, típico da Revolução Verde e do agronegócio. Como nenhum entrevistado se encaixa neste perfil, pode-se considerar que ficaram “no meio do caminho”. Isto, de certa forma, explica a fala de alguns que entendem que precisam buscar alternativas mais ecológicas, como forma de sobreviverem às novas tendências. Isto ocorre, porque há falta de Políticas Públicas que atinjam estes produtores, como o PRONAF, por exemplo, que contempla a agricultura familiar e limita crédito, de acordo com o tamanho das propriedades.

Além disso, os programas para grandes propriedades também estabelecem uma área mínima de investimento. Ficam de fora destas perspectivas e políticas aqueles que são os médios produtores que não se encaixam nem nas políticas de pequenos nem nas políticas de grandes produtores. Com efeito, no Município de Viamão, muitos produtores rurais abandonaram a atividade, enquanto outros transformaram a propriedade em local de turismo rural. Assim, a pluriatividade se reforça como alternativa de sobrevivência, bem como as práticas agroecológicas que estão, a passos lentos, sendo pensadas e implementadas em algumas propriedades.

O lado positivo deste encaminhamento é o de reverter os problemas causados pela produção em alta escala, utilização de agrotóxicos, produtividade sem análise das consequências à saúde animal e à humana. É importante se pensar, portanto, em resgatar valores culturais e locais e, com isso, valorizar a atividade, incrementando-a e deixando-a mais atraente ao jovem, como forma de permanência no meio rural. Este caminho pode ser o mais eficiente não só pelos benefícios que uma produção mais ecológica pode significar à população e à terra,

mas também, porque os esforços existentes, para amenizarem os efeitos da produção em escala e da degradação ambiental, são percebidos através da implantação de Políticas Públicas e de redistribuição de renda, bem como dos incentivos de produção agroecológica. Essas situações que podem ser visualizadas no esquema abaixo (Figura 8).

Figura 8: Implantação de políticas públicas/incentivos de produção agroecológica



Fonte: Elaborada pelo autor, (2013).

Neste mesmo raciocínio, os esforços devem vir de todos os meios, assim como do conceito de agrobiodiversidade, ou seja, da política, da sociedade, da educação, dos agricultores, como atores centrais deste processo. Por isso, a urgência também em atender àqueles que podem muito contribuir para a produção de alimentos em esferas regionais, como os médios agricultores que, com culturas de leite e de arroz, necessitam de um olhar diferenciado quanto à produção. Contar somente com o clima e a sorte eleva o número de pessoas descrentes nestas

atividades e aumenta os problemas sociais da região que, embora com grande potencial, perde para as políticas que não atuam nestas interfaces.

Ações realizadas, através da universidade, por exemplo, que atuem na perspectiva de vislumbrar cenários mais promissores na ânsia de amenizar os efeitos da disparidade na sociedade, principalmente no meio rural, são fundamentais, pois, de acordo com Mattos (2006), os estudos apontam para esta existência díspar entre o meio rural e urbano. No estudo desenvolvido pela FIDA (*International Fund for Agricultural Development*), mostrava-se que 75% das pessoas em condições extremas de pobreza trabalhavam e residiam no meio rural.

Discussões, palestras, informações disseminadas, a fim de reestruturarem situações e atividades agrícolas que possam resgatar não somente saberes, mas também, conhecimentos dos agricultores e as suas realidades seriam ações importantíssimas, e estas poderiam ser assumidas pela EMATER e Secretaria da Agricultura.

6 CONCLUSÃO

Antes da realização da presente pesquisa, percebia o abandono da atividade leiteira na localidade de Estância Grande, quando vizinhos vendiam os seus plantéis e optavam por novas atividades ou quando simplesmente vendiam a propriedade em busca de atividades no meio urbano. Poucos se mantiveram firmes na produção leiteira, mas muitos tinham muitas razões para abandonarem a atividade.

Pelo fato de Viamão estar próxima à capital, a possibilidade de um emprego que exigisse menos e que tivesse mais garantias também parecia uma opção. Vivi isto, quando meus irmãos mais velhos romperam as fronteiras da propriedade em busca de oportunidades mais rentáveis.

Como produtor de leite, sinto as dificuldades na batalha diária em manter uma atividade que exige não só esforço físico, como também e principalmente contínua aprendizagem e gerenciamento eficiente para que a produção esteja dentro dos padrões de qualidade exigidos pela empresa que faz a coleta do leite. O aumento de quantidade e a qualidade é uma busca constante e desgastante, porque exigem igualmente investimentos. Infelizmente, sem o apoio da EMATER, mesmo que este seja insuficiente, pouco se pode fazer.

Conforme os agricultores entrevistados, a falta deste amparo também contribui para a não adoção de novas técnicas, mas poderiam ser pensadas formas para informar e conscientizar os produtores para que tal situação fosse mudada. Nesta caminhada, agricultores (pequenos, médios e grandes) tentam sobreviver à árdua tarefa de fornecimento de alimentação à população, em uma via capitalista, na qual é necessário sobreviver às intempéries climáticas e políticas.

Assinala-se, ainda, que é muito importante o apoio da Universidade, e esta vem quando, como produtor, abro as portas da propriedade, para que pesquisas possam ser realizadas na área, ou ainda, quando exponho as dificuldades e ouso as possibilidades de novas alternativas para antigos problemas. Só assim, em troca constante, é possível manter uma atividade.

Neste contexto, independente das razões e justificativas de abandono de qualquer atividade agrícola, é urgente um novo olhar para o rural, afinal, não há como abandonar os produtores e permitir que eles abandonem as suas atividades, sem oferecer alternativas e caminhos para que possam também sobreviver às exigências do mercado.

REFERÊNCIAS

BECK, Fabio de Lima (Professor titular e organizador). **AGR 99004 Planejamento Agrônômico Integrado: Propriedade da Família Santos**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

BORBA, Enilda Silva de. **Entrevista concedida ao autor da pesquisa**. Estância Grande - Viamão-RS, 25 mar. 2013.

DAL SOGLIO, Fábio; KUBO, Rumi Regina. **Agricultura e sustentabilidade**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. A produção da autonomia: os “papéis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, (UFRRJ), v. 15, p. 89-122, 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2006**. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 15 jul. 2012.

MALUF, Renato S. **Segurança alimentar e fome no Brasil - 10 anos da cúpula mundial de alimentação**. Rio de Janeiro: Faperj, 2006.

MATTOS, Ely José de. **Pobreza rural no Brasil: um enfoque comparativo entre a abordagem monetária e a abordagem das capacitações**. 2006. 151f. Tese (Doutorado) - Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MIELITZ, Carlos; MELO, Lenivaldo. **Modernização da agricultura**. Aula 2. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

_____. **O progresso técnico na agricultura**. (Leitura síntese de José Graziano da Silva; Ruy Miller Paiva; Yujiro Hayami; Vernon W. Tattan; Bernard Sorj; Davi Goodman; Jonh Wilkinson). Aula 1. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

MONTEIRO, Carlos Augusto. **A dimensão da pobreza, da fome e da desnutrição no Brasil**. Porto Alegre: Estudos Avançados, 1995.

O QUE é agrobiodiversidade? Disponível em: <http://ccw.sct.embrapa.br/?pg=bloguinho_default&codigo=149>. Acesso em: 13 jul. 2013.

PACHECO, Marinho Silveira. **Entrevista concedida ao autor da pesquisa**. Estância Grande - Viamão-RS, 11 abr. 2013.

REIS, Celso Ferreira dos. **Entrevista concedida ao autor da pesquisa.** Estância Grande - Viamão-RS, 24 mar. 2013.

RIO GRANDE DO SUL. Prefeitura Municipal de Viamão. Governo Municipal. **Mapa de localização.** Disponível em: <www.viamao.rs.gov.br>. Acesso em: 29 maio 2013.

SANTOS, M. **1992:** a redescoberta da natureza. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141992000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2009.

SCHNEIDER, Sérgio. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Brasília, v. 18, n. 51, p.100-101, 15 fev. 2003.

SILVA, Jose Graziano da. **O progresso técnico na agricultura.** Brasília: Cad. Dif. Tecn., 1990.

SILVA, Neda da. **Entrevista concedida ao autor da pesquisa.** Estância Grande - Viamão-RS, 11 abr. 2013.

SILVA, Sole Soares da. **Entrevista concedida ao autor da pesquisa.** Estância Grande - Viamão-RS, 04 abr. 2013.

TEIXEIRINHA. **O Colono.** Porto Alegre: Copacabana, 1969. Disco.

VIAMÃO. Prefeitura Municipal de Viamão. Secretaria de Educação. **Nossa Senhora da Conceição de Viamão, uma comunidade em busca de suas raízes.** Viamão: Gráfica Epece, 1990. [Prof. Mestre Moacir Flores].

APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista com Produtores Rurais

ROTEIRO DA ENTREVISTA – PRODUTORES RURAIS

- 1) Qual a principal atividade desenvolvida na propriedade atualmente?
- 2) Já desenvolveu outra atividade? Qual?
- 3) O que motivou o abandono da atividade leiteira? Se for o caso.
 - () Falta de mão de obra
 - () Falta de crédito
 - () Atividade exaustiva
 - () Baixo rendimento
 - () Não ter preço mínimo para o litro produzido
 - () Abandono dos descendentes (proximidade da capital)
 - () Outros: _____